Colégio Santa Cruz

PROFA. LUCY SAYÃO WENDEL

QUÍMICA DO CARÁTER, PEDAGOGIA DA PERSISTÊNCIA

CONGREGAÇÃO DE SANTA CRUZ

A reportagem "Profa. Lucy Sayão Wendel: química do caráter, pedagogia da persistência" é parte de uma série mais abrangente, "Santa Cruz de perfil" (de retratos diversos, com padres, educadores e funcionários da escola), encomendada a jornalistas e escritores, que se propõe a reunir e recuperar a história do Colégio. Esta edição foi redigida por Camilo Vannuchi, ex-aluno da turma de 1996.

Junho de 2021

Colégio Santa Cruz

CONGREGAÇÃO DE SANTA CRUZ

Série "Santa Cruz de perfil"

Projeto Editorial:
Alejandro Miguelez
Fábio Marinho Aidar

Projeto Gráfico:
Fabiana Fernandes

"Profa. Lucy Sayão Wendel:
química do caráter, pedagogia da persistência"

Redação:
Camilo Vannuchi

Revisão:
Luisa Destri

Foto de capa:
Nelson Toledo

Diagramação:
Lye Nakagawa

Impressão:
Aildo Carlos Oliveira Santos
Fredson Ribeiro de Sousa

PROFA. LUCY SAYÃO WENDEL

QUÍMICA DO CARÁTER, PEDAGOGIA DA PERSISTÊNCIA

Por Camilo Vannuchi

Por muitos anos, ela foi a veterana, a decana do Ensino Médio. Ensinou Química "por exaustão" por mais de três décadas até se aposentar, no início dos anos 2000. Contou a fascinante história da tabela periódica como ninguém e ensinou alunas e alunos a fazer ciência sem abrir mão do rigor, da disciplina e de um apurado senso de cidadania. Aos 96 anos, Lucy tem um metro e meio de altura e continua gigante.

A professora entra na sala com passos curtos e rápidos, sem alarde. Apoia na mesa o livro didático, a lista de chamada e sua própria caixa de giz – um modelo especial, antialérgico. Em seguida, volta até a porta para encostá-la. Adolescentes ruidosos se apressam pelo corredor e transpõem o vão da porta, prestes a ser fechada. Ufa, deu tempo. A algazarra, no entanto, continua, a despeito do sino estridente e de sua pontualíssima presença.

Parte da turma não percebe sua entrada: a professora tem um metro e meio e não mais de 50 quilos. Outra parte finge que não a viu, estendendo a prosa por mais um ou dois minutos, quem sabe. Há quem enrole, embrome, adie o retorno à carteira, de tititi com a turma do fundão. Essa garotada do terceiro ano, vou te contar... Às vésperas das férias de julho de 1996, a classe sabia dar trabalho.

Trajando um cardigã sobre vestido de flores miúdas, o cabelo ondulado acima dos ombros, entre o castanho e o grisalho, Lucy, 71 anos, a decana do Colégio, encosta-se na mesa em posição de espera, olhando fixamente para a jovem audiência. Abandona o giz sobre a mesa e cruza os braços, ainda esperando. O burburinho finalmente arrefece, transforma-se em murmúrio, até que todos se calam. A partir de agora, e até o final da aula, pouco se ouve além da voz da professora e dos riscos do giz sobre a lousa.

Disciplinada e exigente, Lucy retoma a matéria do ponto exato em que havia parado na véspera. O estudo dos carboidratos é etapa fundamental nesse bimestre. Ela vai até o quadro-negro, ergue o braço e rabisca uma fórmula química, indicando um composto de carbono. Em seguida, o identifica:

$$C_6H_{12}O_4 = \text{GLICOSE}$$

Os alunos mais rigorosos – os "nerds", os "CDFs" – franzem o cenho. Há algo de errado naquela estrutura.

— Eu posso escrever isso? — ela pergunta.

— Nãããão — parte da turma responde.

— É claro que posso, tanto é que eu escrevi.

O silêncio é proporcional ao desconforto.

— Mas, professora, faltam dois oxigênios aí — há sempre um gênio pronto para mostrar que está em dia com a matéria.

— Agora — a decana prossegue, como se ninguém a tivesse interrompido —, isso está correto?

Essa professora, sempre sagaz com suas pegadinhas...

— Nãããão.

Sentado próximo à janela, na terceira fila, um jovem de 16 anos e cabelo preso num rabo de cavalo tem um *insight*, um alumbramento. Se ele havia entendido direito, a professora havia escrito algo errado de propósito para, em seguida, proferir uma lição para a vida, daquelas que transbordam do caderno, sobrevivem ao ano letivo e permanecem para sempre.

Aquela não era somente uma lição sobre estruturas de carbono, afinal. Nem sobre como memorizar que a glicose tem seis átomos de oxigênio, e não apenas quatro, como ela escrevera. Era, mais do que isso, uma forma de mostrar que, como o papel, a lousa aceita tudo. Giz sobre quadro-negro é como tinta sobre livro, jornal ou revista: foi feito para ensinar, mas pode induzir a erro. Orienta e atrapalha, revela e ilude. Cultiva conhecimento e, também, desinformação – era o que ela dizia, sem abrir a boca, ao riscar aquela mentira na lousa, muitos anos antes de ser formulada a expressão "*fake news*".

Com os dedos, Lucy apaga o número 4 ao pé da letra "o" e corrige:

$$C_6H_{12}O_6 = \text{GLICOSE}$$

Aos 16 anos, o futuro jornalista sentado perto da janela reitera sua admiração por aquela pequena gigante, educadora num mundo em que nem todos os professores o são. Lucy educa quando muitos apenas ensinam. São coisas diferentes. Por mais de trinta anos, Lucy educou a comunidade do Santa Cruz.

* * *

Lucy Sayão Wendel tinha 43 anos quando pisou pela primeira vez no Colégio Santa Cruz. Foi convocada às pressas, no meio do ano letivo de 1968. Uma história surreal. A professora que a antecedeu nas aulas de Química entrara em conflito com os alunos do Ensino Médio – todos do sexo masculino e, segundo sua interpretação, transgressores e insubordinados. Conta-se que era tanta amolação dos rapazes que ela chegou a perder as estribeiras e proferir alguns palavrões durante a aula no finzinho do primeiro semestre. Sua permanência se tornara insustentável e ela pediu demissão.

Coube ao então diretor do Ensino Médio, Isame Maeoca, encontrar um substituto a toque de caixa, antes do reinício das aulas. Não precisaria ser um nome definitivo, bastaria conduzir aquela turma até o fim do ano,

de modo que o Colégio teria mais um semestre para procurar alguém com calma. Nicia, professora de Biologia, tinha uma indicação:

— Conheço uma ótima professora de Química, que dá aulas no Mackenzie e no Roosevelt — Nicia sugeriu, referindo-se respectivamente ao colégio presbiteriano da Vila Buarque, integrado à universidade homônima, e a uma das melhores escolas estaduais de São Paulo, na Liberdade. — O nome dela é Lucy e ela é minha irmã. Pode ser que tenha interesse.

Lucy era a mais velha de três irmãs e um irmão. Além de Nicia, seis anos mais nova do que ela, havia Zilah, quatro anos mais moça, e Silvano, o caçula, com onze anos de diferença. Em maio de 2021, quando escrevo este perfil, Lucy tem 96, Nicia, 90, e Silvano, 85. Zilah, socióloga que foi casada com o também sociólogo e jornalista Perseu Abramo, intelectual de esquerda muito atuante na resistência à ditadura e na redemocratização, teria 95, se não tivesse falecido em 2018, aos 91. Dos quatro, Nicia e Lucy sempre foram as mais organizadas, as mais aplicadas. Em 1968, Nicia sabia que Lucy reunia todos os predicados para assumir aquelas aulas e ministrar o remédio correto para aqueles alunos.

A entrevista de emprego foi agendada para a semana seguinte. O papo com Isame rendeu, o convite foi feito e Lucy tratou de ir logo avisando:

— Preciso dizer uma coisa: eu sou brava.

Nos primeiros dias de agosto, Lucy encarou, finalmente, os jovens insubmissos que haviam, de certa forma, forçado a saída de sua antecessora.

Já na primeira aula, decidiu cobrar dos alunos uma espécie de prova, com algumas questões que lhe permitiriam avaliar em que pé eles estavam em relação ao conteúdo. Foi um fuzuê. Onde já se viu dar prova no primeiro dia de aula, ainda por cima sem avisar? Houve quem entregasse as folhas em branco; outros se esforçaram para resolver os problemas.

Na aula seguinte, o protesto veio em forma de greve: braços cruzados, canetas paradas. Ninguém apareceu. Ou, melhor: havia um único aluno na classe. Lucy, inabalável, leu em voz alta todos os nomes da lista de chamada e começou a aula.

— Professora, você vai dar aula para apenas um aluno? – o rapaz perguntou.

— Olha, mesmo que seja meio aluno, se for a metade de cima, pode estar certo de que darei a matéria.

Pronto. Dali em diante, a turma compareceria em peso. A época do jeitinho, da procrastinação e do desrespeito estava com os dias contados. Lucy não demorou para colocar ordem no recinto e varrer o que ainda restara de indisciplina e presunção – sempre com o respaldo de Isame Meoca e, principalmente, do Padre Lionel Corbeil, o diretor geral. Sobretudo depois que ela devolveu as provas. A média geral não passava de 4,0.

— Vocês estão muito atrasados — ela alertou. — É bom começar a estudar, se não quiserem repetir o ano.

Exigente, rigorosa, exagerada, implicante, brava, sem noção: os adjetivos variavam, mas a fama de professora "linha-dura" remonta às primeiras semanas no Santa. Desde o primeiro dia de aula, Lucy deixou claro que não levaria desaforo para casa. Logo começou a proferir frases de efeito que marcariam época. "Química se aprende por exaustão", dizia, por exemplo, justificando a profusão de exercícios encaminhados como dever de casa. Não admitia que os alunos se levantassem enquanto ela não desse a aula por encerrada. "O sinal, quando toca, é para avisar a mim sobre o horário", explicava, com a autoridade habitual. "Apenas o professor pode dizer que a aula acabou." Quando alguém perguntava o conteúdo que iria cair na prova, Lucy pregava outro petardo:

— Tudo que você tiver aprendido até a véspera da prova — dizia. — Cai tabuada do dois? Cai tabuada do dois.

Lucy virou recordista em número de alunos de recuperação. Recusava-se a baixar a média geral, mesmo quando metade da turma apresentava desempenho insatisfatório. E praticava uma teoria pouco ortodoxa na hora de atribuir os conceitos. Segundo ela, nota numérica é cálculo matemático, objetivo, baseado no número de erros e de acertos nas provas e na qualidade dos trabalhos apresentados. Mas os conceitos de A a E empregados nos boletins do Colégio não devem ser concebidos como mera divisão das

notas em faixas (A, de 9 a 10; B, de 7 a 9, e assim por diante). Eles devem, sempre conforme Lucy, traduzir o desempenho dos estudantes e, por isso, ser atribuídos exclusivamente pelos professores, com base em fatores diversos, alguns menos objetivos do que as notas numéricas. Essa avaliação deve analisar processos, e não respostas corretas e incorretas. Para Lucy, postura, dedicação e comprometimento eram elementos que influenciavam a atribuição dos conceitos. "Não adianta tirar A numa prova e C na outra, achando que é suficiente para passar", ela dizia. "Eu vou dar D e você vai ser reprovado, porque você piorou o rendimento. É um aluno A fazendo corpo mole."

Para além do avatar de autoridade rigorosa e, por vezes, casmurra, que Lucy sempre gostou de alimentar, havia a professora solidária, confidente e parceira, que aos poucos aflorava, inevitavelmente, no decorrer do ano. Se fosse possível aos alunos conferir conceitos ao corpo docente, o desempenho de Lucy seria sempre ascendente. Quem lhe atribuísse um D no primeiro bimestre, acuado por tanta exigência, não raro cravaria um A ao final do curso. "Ela era ao mesmo tempo uma professora muito afetuosa, que percebia quando algo estava acontecendo com a gente e dava um jeito de ajudar", diz a médica Maria José Machado Mendes, a Zezé, formada no Santa em 1979. Colegas confirmam a generosidade de Lucy. E, sobretudo, a empatia. A despeito da fama de má, ela jamais votou a favor da reprovação de um aluno, quando a prerrogativa da decisão chegava ao conselho de professores. "Ela sempre defendeu uma segunda chance", afirma Fábio Aidar, diretor geral do Colégio.

Seis anos mais moça do que Lucy, a irmã Nicia permaneceu no Santa até 1976, quando se mudou para São Carlos. Lucy continuaria no Colégio até 2001. Segundo a bióloga, a reconhecida didática da irmã é tributária de uma forma muito encorajadora de gerir a escola nos anos 1970 e 1980 e resultado da convivência com um time muito especial de professores. "A gente tinha plena autonomia para ensinar e exigir dos alunos o que considerasse adequado", lembra Nicia, aos 90 anos. "E Padre Corbeil tinha total confiança nos professores."

Aqueles foram anos intensos, em que muitas mudanças aconteceram no Colégio e lograram conduzi-lo rumo aos novos tempos. O ensino misto foi inaugurado em 1974, ano em que as primeiras alunas puderam se matricular. Padre Charbonneau, vice de Padre Corbeil na direção geral, publicava artigos nos jornais e aparecia na televisão, debatendo assuntos pouco ortodoxos, como sexualidade, drogas e redemocratização, temas de muitos dos livros que publicava a cada um ou dois anos. Ao longo da década de 1980, o Santa Cruz assumiria posição de destaque como exemplo de ensino humanista e contemporâneo, moderno sem abdicar da tradição cristã. Também naquela década, os religiosos foram paulatinamente deixando os cargos de direção, cedendo espaço para educadores leigos, processo inaugurado em 1980 com a nomeação do professor de Matemática Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães para uma das cadeiras de vice na direção geral. Essa transição seria consumada em 1993, com a posse de Luiz Eduardo como diretor geral.

Do "time muito especial de professores" que atuou no Colégio nos anos 1970 e 1980 segundo Nicia, a professora Lucy destaca três: Pascarelli, de Matemática, Mendonça, de Português, e Flávio Di Giorgi, de Filosofia. Outro que ela aprendeu a admirar foi Sérgio Haddad, talvez o principal responsável por arregaçar as mangas e transformar em realidade o Curso Supletivo, hoje chamado EJA, a Educação de Jovens e Adultos. "Formávamos um grupo muito coeso", diz Lucy. "Acho que o mais importante é que a gente trabalhava com ética, coerência e caráter."

* * *

Apenas dois meses depois de estrear no Santa, ainda conciliando as aulas nos outros dois colégios e sem muita convicção de que seguiria contratada após o fim daquele semestre atípico, para o qual tinha sido chamada em regime de urgência, Lucy viveu um episódio no Mackenzie que a deixou profundamente incomodada.

No dia 2 de outubro de 1968, a Rua Maria Antônia foi transformada em praça de guerra. Cada calçada abrigava seu exército e suas trincheiras. De

um lado, estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP transformaram o prédio da Filosofia num *bunker* de resistência. De outro lado, estudantes do Mackenzie, vinculados a grupos de direita como o Comando de Caça aos Comunistas, ameaçavam cruzar a rua e invadir o prédio onde se abrigavam seus inimigos. As duas faculdades funcionavam ali, no mesmo quarteirão, uma quase de frente para a outra.

Conta-se que o confronto entre os dois grupos foi deflagrado em razão de um pedágio: alunos da FFCL pediam dinheiro para custear um congresso de estudantes. Um jovem do Mackenzie, para dispersar a campanha ou simplesmente sacanear, teria atirado ovos contra a turma do pedágio. Houve revide. Dos ovos, a artilharia evoluiu para paus e pedras, até que, de dentro do Mackenzie, começaram a sair bombas e coquetéis molotov. Membros do CCC saíram à rua brandindo armas de fogo e atiraram contra a USP. Um estudante secundarista, que não tinha nada a ver com aquela disputa, foi atingido na cabeça e acabou morrendo. Quando a noite caiu, o prédio da Filosofia estava em chamas, geradas pelos artefatos produzidos no laboratório de Química onde Lucy trabalhava. Ela, formada pela FFCL, não conseguia se conformar com tamanha brutalidade. "Eu sabia quem tinha ajudado os alunos a fazer aquelas bombas", admite, mais de meio século depois. "Naquele momento, entendi que estava do lado errado da Maria Antônia. Minha história no Mackenzie tinha chegado ao fim."

Em fevereiro de 1969, Lucy foi efetivada no Santa para dar continuidade à fase mais intensa e produtiva de sua meritória carreira.

* * *

A docência surgiu na vida de Lucy quase por acaso, num dos momentos mais difíceis de sua vida. Por muito pouco, ela teria passado a vida sem dar uma única aula. Nem no Santa Cruz nem no Mackenzie ou no Roosevelt. Tampouco no Colégio Santa Maria, onde também lecionou.

Como tantas mulheres de sua geração, Lucy havia aposentado o diploma antes mesmo de recebê-lo. Ao concluir o bacharelado em Química na FFCL,

em 1943, Lucy já estava noiva do engenheiro Virgílio Isoldi. Seguindo o *script* oficial de boa parte das famílias nos anos 1940, Lucy entendeu que era hora de cuidar da casa, do marido e dos filhos – que, por certo, não tardariam – e guardou o diploma no fundo do armário. Junto foram encaixotados os livros da faculdade, os trabalhos finais das disciplinas e as anotações feitas em sala de aula ao longo dos quatro anos em que frequentara a graduação, no *campus* da Alameda Glete, no Campos Elísios.

Lucy e Virgílio casaram-se em 1945. Seguiram-se nove anos de amor e cumplicidade, até que, em 1954, uma reviravolta na vida pessoal faria Lucy remexer os armários em busca do diploma: Virgílio decidira se separar da esposa. E o fez de supetão, saindo de casa um dia depois do nascimento do terceiro filho, Roberto. Anos mais tarde, Lucy e Virgílio voltariam a conviver como grandes amigos. Mas, naquele momento, foi difícil aguentar. Uma barra. Desquitada, com três crianças para criar – Lília, com 5 anos, Sérgio, com 2, e Roberto, ainda bebê –, Lucy foi procurar emprego. Por pouco não ingressou num laboratório farmacêutico. Assustada com a hipótese de passar o dia inteiro numa empresa, sem tempo para os filhos, foi bater à porta de um colégio perto de casa, onde tentaria um emprego de meio período. Virou Professora Lucy.

Suas maiores inspirações no mundo da docência foram dois professores alemães que vieram ao Brasil fugindo do nazismo, Heinrich Rheinboldt e Heinrich Hauptmann, com os quais ela tivera aulas na graduação. E também um jovem professor, Paschoal Senise. "Tenho até hoje os apontamentos que fiz durante as aulas desses professores."

A boa formação de Lucy se traduziu em profunda devoção ao conhecimento científico. Lucy, nos anos 1990, contava a história da tabela periódica com brilho nos olhos. Narrava o passo a passo da construção da ciência conforme empreendida pelo russo Dmitri Mendeleiev, responsável por decifrar o comportamento dos elementos químicos e detalhar as propriedades principais de metais que ainda viriam a ser conhecidos. "É bonito como a verdade vai aparecendo", ela diz. "Mais importante que aprender Química é aprender Ciência, entender o pensamento científico, a pesquisa."

* * *

— Você estudou no Santa Cruz? Teve aula com a Lucy?

Em pouco tempo, virou uma marca, uma assinatura. Nos cursinhos pré-vestibular e também no primeiro ano da graduação em cursos como Química e Engenharia Química, era fácil saber quem tinha passado pelas mãos da professora rigorosa, que se propunha a ensinar Química por exaustão.

Quase sempre, seus alunos chegavam mais preparados, tendo visto mais conteúdo que a maioria. "Os alunos do Santa, mesmo os de humanas, iam muito bem na prova de Química da Fuvest", conta Luiz Fernando Puglisi, ex-aluno da turma de 1998, que se formou no Instituto de Química da USP e integrou por nove anos o corpo docente do Colégio. "Para quem vinha do Santa, o primeiro ano era muito tranquilo, porque a gente já tinha visto aquilo. O que era surpreendente, porque, nos anos 1990, só tínhamos aulas de Química no segundo e no terceiro ano." Ou seja: o currículo do Santa Cruz condensava em dois anos o que era ensinado em três na maioria dos outros colégios.

Lucy também despertava um súbito interesse pela Química em muitos alunos. Havia quem chegasse ao final do Ensino Médio oscilando entre carreiras aparentemente díspares como Química e Direito, ou Química e Artes Cênicas. "A Lucy passava uma imagem de competência, de seriedade; acabei optando pela Química porque me pareceu uma disciplina bastante versátil dentro das ciências, muito graças a ela", diz Luís Stancato, da turma de 1979, que fez graduação, mestrado e doutorado na área e acabou mudando de rumo vinte anos depois. Hoje, coordena uma equipe de análise de riscos no Banco Central.

Uma das muitas alunas que escolheram a Química por influência de Lucy foi Sandra Mutarelli, que concluiu o Santa no mesmo ano que Stancato. As aulas e, principalmente, a forma como Lucy transmitia conhecimento e induzia os alunos a pensar contribuíram para demover a jovem estudante dos planos de cursar Medicina. Ainda na graduação, foi convidada para ser monitora no Santa Cruz e, recém-formada, tornou-

se colega da professora que a havia inspirado. Na pós-graduação, conta, utilizou diversas ferramentas que Lucy ensinava no Ensino Médio. Para a ex-aluna, seu grande diferencial era a forma como Lucy se utilizava do método científico em suas aulas. Em vez de apenas expor o conteúdo, ela preferia trabalhar com hipóteses diante dos alunos e orientar a busca por respostas ou explicações. Para que os próprios alunos as encontrassem. "Lucy é uma baita educadora", diz Sandra. "Professor e educador não são sinônimos. Um excelente professor pode explicar muito bem determinada matéria e não ser um educador. O educador é aquele que induz o aluno a raciocinar, a levantar hipóteses e a buscar respostas. Ele não explica, ele faz com que o aluno explique para ele."

Além de Sandra, parceira de Lucy nos anos 1980, integraram o time de Química do Santa, nos anos 1990, os professores Carlos Alberto Zink, Mitiko Aoki e Rodrigo Liegel. Mitiko e Liegel também formaram com Lucy a equipe que, por muitos anos, elaborou os exames de Química no vestibular da PUC. Mitiko lembra até hoje o primeiro encontro. Tinha ouvido falar dela e conversado por telefone antes de encontrá-la pessoalmente. "Imaginava uma pessoa sisuda, com dois metros de altura, e que só conversaria sobre assuntos inalcançáveis da Química. Nos encontramos numa lanchonete e passamos horas falando da vida, de coisas do dia a dia. Ela usava um colar de contas coloridas, gostava de esportes, e não tinha dois metros de altura."

Para Liegel, que foi aluno antes de se tornar colega e teria herdado o apreço pelo rigor e pela disciplina na condução do curso, Lucy tinha uma capacidade de encantar qualquer pessoa – "não apenas como professora, mas como ser humano", em suas palavras. Sua opinião é que ela sempre gostou de incentivar os colegas e se destacou sobretudo pela coerência. "Ela tem um conjunto de princípios, como cidadã, que transborda para as aulas e para as conversas nas salas dos professores", conta. "Mais que ensinar uma matéria, ela sempre jogou as pessoas para cima e era muito atenta à situação do país, ao papel da escola, gostava de conversar sobre o Colégio, e exerceu esse olhar ético sobre as pessoas e as instituições."

* * *

A trajetória de Lucy virou livro em setembro de 2018, pelas mãos de um ex-aluno da turma de 1976, o publicitário Jayme Serva. A aventura de biografá-la começara dois anos e meio antes, em janeiro de 2016, quando ele estava às voltas com a organização de um encontro para festejar os quarenta anos de formatura de sua turma e uma colega postou uma foto de Lucy no grupo de WhatsApp. "Essa mulher merecia um livro", Serva comentou. No mesmo dia, uma mensagem em *chat* privado o consultou sobre a possibilidade de levar a ideia adiante. O livro começou a nascer ali.

Lucy: uma vida professora (Ed. Laranja Original) foi lançado no Teatro do Colégio Santa Cruz. A biografada agradeceu as homenagens e passou mais de três horas sentada no mezanino, autografando exemplares. Incansável, aos 94 anos. Em outubro, repetiu a dose, agora numa livraria na Vila Madalena. Antes da sessão de autógrafos, participou de um debate sobre o papel do professor com o biólogo Fernando Reinach, a consultora da Fundação Itaú Ana Inoue e o professor de história João Gabriel Priolli. "Sempre achei que o professor não é um transmissor de conhecimento", Lucy discursou. "Ele tem que estar atento à formação de seus alunos: o que eles pensam, o que eles falam. Minha vida profissional foi pautada por isso." Sensibilizada com o Brasil de 2018, Lucy ecoou, ao microfone, o sentimento de muitos. "Aos 94 anos, me dou o direito de falar o que penso", engatou. "A gente está vivendo uma época terrível. Não posso admitir que, em vez de olhar uma flor, você queira ter uma arma na mão. Não admito que, em vez de um livro, você use uma arma. Não dá. Não dá mais. Não é o momento de a gente se omitir."

* * *

Encontrei Lucy duas vezes num intervalo de seis meses. Estivemos juntos em outubro de 2020 e março de 2021. Foram visitas rápidas, de pouco mais de uma hora, nós dois de máscara e a dois metros de distância

um do outro, seguindo protocolos recomendados pela Ciência em tempos de pandemia.

Aos 96 anos, Lucy está lúcida e antenada. Assiste aos telejornais, acompanha o noticiário pela internet e assina a revista *Carta Capital* – que ela lê de cabo a rabo, toda semana. Fala sobre todos os assuntos, envolve-se com campanhas, petições e abaixo-assinados. Sobre um aparador, na copa de sua casa, guarda alguns *bottons* e adesivos. "Livros sim, armas não", diz um deles. "Mais democracia, menos baixaria", diz outro.

Lucy me convida a ir até a cozinha. Pede ajuda para pegar xícaras de café num armário alto. Aponta um porta-retratos.

— Você teve aulas com o Marcelo?

— Claro. Foi meu professor de Biologia. E coordenador do segundo ano.

— Meu grande amigo. Ele faz muita falta.

Marcelo Paes de Mello foi o grande companheiro de Lucy nos anos 1980 e 1990. Ela se lembra com muito carinho dos colegas de Química, sobretudo da Sandra, do Zink e da Mitiko, e cita como grandes amigas as professoras Sofia e Ana Tomázia (Matemática), Ana Brunner (Filosofia) e Suzana (Biologia) – e ainda Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães, que, além de diretor geral do Colégio nos anos 1990, era seu concunhado, irmão mais novo do marido de Nicia. Um diretor culto, sempre a par de tudo, segundo ela, e que desempenhou com excelência a tarefa de substituir Padre Corbeil e consolidar a transição para uma direção 100% leiga. Mas nenhum dos colegas ocupa o mesmo lugar que Marcelo em suas memórias afetivas.

Com ele, a despeito de uma diferença de idade de quase 30 anos, Lucy criou um vínculo tão forte que, por muitos anos, os dois mantiveram o hábito de viajar juntos. "Ele viajava sozinho e apenas dentro do Brasil, e eu comecei a insistir que ele deveria conhecer a Europa", conta. "Insisti tanto que acabamos indo juntos. Aí não paramos mais. Economizávamos e viajávamos todos os anos, nas férias de julho. Para ficar mais barato, ficávamos no mesmo quarto, e eu dizia que ele era meu filho." Lucy e Marcelo conheceram quase todos os países da Europa, beneficiados pela queda do dólar na segunda metade dos anos 1990. Foram também a Nova

York, de onde cruzaram os Estados Unidos rumo a Vancouver, no Canadá. Lucy tem meia dúzia de fotos de Marcelo em cômodas e paredes de casa. Seu amigo faleceu, muito precocemente, em 2016.

Lucy não vê a hora de sair de casa e, principalmente, receber visitas. Está cansada das *lives*, não gosta de conversar por vídeo e tem preguiça de digitar no computador. Há apenas uma coisa que lhe dá prazer diante do monitor: o *bridge*, um jogo de cartas de origem inglesa. Lucy joga *bridge* há décadas. "Mas todos os meus parceiros morreram", lamenta. "Hoje é difícil encontrar parceiros, e agora, com a pandemia, nem vou procurar. Então eu jogo pela internet, mesmo. O parceiro é aleatório, o que aparecer do outro lado, mas paciência. O chato é que, se ele faz alguma besteira, não posso nem brigar."

Tirando o *bridge*, a *Carta Capital* e os livros, Lucy reserva um par de horas para o tricô, sua paixão. Desde os tempos áureos de Santa Cruz, entretinha-se com a agulha, presenteando frequentemente as colegas com um suéter, um xale, uma roupinha de bebê. Lucy comenta que o tricô a salvou.

— Como assim, professora?

— Quando a Lília morreu, fiquei muito tempo sem conseguir ler, sem conseguir fixar o olhar — conta, referindo-se à filha mais velha, morta em 2008, o maior baque que Lucy sentiu na vida. — O que me salvou foi o tricô. Passava horas tricotando, até as coisas começarem a voltar ao normal.

O agravamento da saúde de Lília, a partir de 2000, servira de estímulo para a aposentadoria de Lucy, em 2001. Aos 77 anos, ela decidiu encerrar a carreira para, depois de velha, como diz, voltar a cuidar da filha. Foi o melhor que poderia ter feito. Os anos se passaram com ternura até que a passagem foi consumada, da forma mais harmoniosa possível. Ficaram os dois filhos homens. Hoje, ambos moram com a mãe, no mesmo local onde Lucy foi morar quando se casou com Virgílio Isoldi, em 1945.

Amplo e arborizado, o terreno no Campo Belo, na zona sul de São Paulo, tem pouco mais de 10 mil metros quadrados e duas casas, idênticas e espelhadas. Foram construídas nos anos 1930 pelo ex-sogro de Lucy, o

italiano Dante Isoldi, que trocara a Itália pelo Brasil ao fim da Primeira Guerra Mundial, fugindo do fascismo que se alastrava por seu país. O terreno ficava no subúrbio, no longínquo distrito de Santo Amaro, antigo município incorporado à capital em 1935. Dante decidira construir duas casas pensando nos filhos, Virgílio e Francisco. Quando fossem adultos, cada um ficaria com uma delas. Os primeiros croquis foram rabiscados por um arquiteto, amigo de Dante, que era filho de italianos e tinha se formado na Itália: Rino Levi, um ícone da arquitetura moderna paulista, responsável por projetar os cinemas Art-Palácio (1936) e Ipiranga (1943) e edifícios marcantes como a sede do Instituto dos Arquitetos do Brasil (1947).

Hoje, segundo Lucy, o terreno com as duas casas virou um elefante branco: IPTU altíssimo, metragem acima da média, região pouco valorizada pelo mercado, zoneamento que impede a edificação de torres. "Não sei o que vai ser disso aqui", ela diz. "Por enquanto, vamos levando."

* * *

— Professora, eu quero ser jornalista, por que preciso aprender Química? — questionou o imberbe e inconveniente estudante, em 1996.

— Primeiro, porque cai no vestibular — ela sorriu. — Depois, você não vai querer ser um jornalista sem cultura, que nega a Ciência e não sabe entrevistar um cientista, né? Não me faça passar vergonha. Se for, não vá dizer por aí que estudou no Santa Cruz, muito menos que foi meu aluno.

Pode deixar, professora. Pode deixar.

Série “Santa Cruz de Perfil”

Edições já publicadas:

Padre José Amaral de Almeida Prado: sacerdote da esperança, educador de minúcias
(setembro de 2015)

Padre Roberto Grandmaison: fermento na massa
(setembro de 2016)

Padre Paul-Eugène Charbonneau: o boxeador que ensinava a pensar
(setembro de 2017)

Padre Lourenço Roberge: razão, fé e sensibilidade
(setembro de 2018)

Padre Lionel Corbeil: pragmático sonhador
(novembro de 2019)

Prof. Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães: o educador que inventou o futuro
(dezembro de 2020)

Profa. Lucy Sayão Wendel: química do caráter, pedagogia da persistência

Colégio Santa Cruz

2019/perfil_profa_lucy/fab